

Da Construção do Conceito de Violência*

Luiz Felipe Baêta Neves Flores**

Há palavras que, pelo uso tornado corrente, parecem dispensar definições. Seriam consensuais; todos saberiam do que estão falando à simples leitura ou enunciação. Este caráter consensual tem um efeito duplo: ora reforça a palavra pelo efeito de unanimidade e obviedade que lhe confere, ora a enfraquece porque lenta e silenciosamente retira da palavra a possibilidade de ser vivificada pela verificação de suas relações com as coisas às quais se referiria.

A palavra "violência" parece ser um destes casos. Todos a conhecem ela é redigida ou pronunciada inúmeras vezes em incontáveis situações pelos mais diferentes atores sociais. O poder deste termo é evidente; ele parece expressar inequivocamente realidades sociais tão flagrantes quanto indesejáveis e dolorosas. Esta associação de "violência" a "indesejado" e "doloroso" passa a ser vista como a única acepção possível da palavra e ela, a palavra, parece se fundir aos objetos que deveria representar. Esta fusão de palavra e coisa acaba por formar um agregado de difícil separação e no qual as distâncias entre a linguagem e seus objetos de referência são apagadas.

Esta fusão tem, entre outros, o efeito perverso de estabelecer e reproduzir uma situação de aparente equilíbrio e auto-suficiência: eu sei do que falo quando

* O "1º turno" deste ensaio foi publicado no número anterior de *Pesquisa de Campo*.

** Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Pós-Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Paris V-Sorbonne. Professor da UFRJ e da UERJ. Co-Autor de *Universo do Futebol-Esporte e Sociedade Brasileira - Edições PINAKOTHEKE, RJ, 1982*.

Esta associação de "violência" a "indesejado" e "doloroso" passa a ser vista como a única acepção possível da palavra e ela, a palavra, parece se fundir aos objetos que deveria representar.

digo tal palavra; todos sabem do quê estou falando; todos podem falar daquilo que falo; todos falam o mesmo da mesma coisa. Esta fortíssima cadeia de coincidências estabelece, por sua inter-remissão maniacamente perfeita, uma cidadela autárquica e sólida. Cidadela que padece, contudo, de uma curiosa ambivalência: fala é (de) alguma coisa central da sociedade contemporânea mas não fala de si. Como se sua própria existência - como se sua própria posição central na linguagem e na vida - fosse bastante para justificar sua vigência.

"Violência" - palavra e coisa - sendo um corpo único tende(m) a identificar a palavra a uma das definições possíveis, a uma das "coisas" possíveis. Assim, o processo de coisificação - de reificação - não se encerra ao mesclar, ao indiscriminar, língua e objeto; o processo caminha, em sua volúpia de unicidade, para a escolha de uma definição (no) singular que passa a ser vista não como uma mas como única - a única. No caso em questão, há uma escolha clara do imaginário social: a violência é um mal e deve ser eliminado(a).

No caso em questão, há uma escolha clara do imaginário social: a violência é um mal e deve ser eliminado(a).

Esta escolha tem efeitos não imediatamente perceptíveis. O primeiro seria o de naturalizar a linguagem. A palavra - as palavras - corresponderia(m) à(s) coisa(s) "naturalmente"; não conheceriam diferenças de estatuto, seriam faces da mesma matéria da mesma moeda. Assim, subtrai-se a ordem da cultura pois as palavras já teriam referências precisas ao se relacionarem a coisa evidentes, visíveis e inequívocas. As palavras seriam fatos que se articulariam a fatos. Palavras que são tão poderosas quanto os fatos que relatariam; palavras e fatos tão poderosos e flagrantes que dispensam... apresentações, perdão, interpretações... Contra a dureza dos fatos não haveria argumentos... Não haveria, por exemplo, os argumentos

da antropologia que chama a atenção para a necessidade de compreender a multiplicidade de formas culturais e sociais de atribuição de significado - ou de sentido - às palavras. Argumentação antropológica que também chama a atenção para as disparidades de apropriação de significados; ainda que as palavras sejam as mesmas, elas não se inserem necessariamente nas mesmas tradições culturais ou nas mesmas práticas de linguagem

A fusão reificante e a noção de definição única e exclusiva não são apenas uma afronta à compreensão antropológica da vida social; são elementos de fixação temporal dos fatos de linguagem porque fazem supor que as palavras sempre quiseram dizer uma coisa e, por consequência, sempre dirão a mesma coisa. O que não tem origem - o que não tem gênese - não tem transformação e sua locução ao longo da diacronia, ao longo da história, pouco ou nada tem a ver com a transformação, a polissemia ou a rutura. Se investigarmos, ainda que panoramicamente, a história da palavra violência - ou a história das situações de violência - veremos que esta história começa... com a própria história. Ou, dito de outro modo, os mitos sobre a origem da sociedade - e isto não apenas no Ocidente - são frequentíssimas histórias em que a violência é tema, aspecto ou ponto-de-vista decisivo no enredo mítico. Estas versões sobre a origem da vida social não são exclusividade de um "irracionalismo" mítico que o afastaria da ciência. Não, a descrição de situações de violência como fundadoras da história e da sociedade pode ser encontrada nos textos mais do que clássicos - e igualmente fundadores - da psicanálise, da história, da economia, da teoria da linguagem e assim por diante.

Gostaria de insistir neste ponto: a violência aparece

A violência aparece variada e maciçamente como intrínseca à vida social. E sublinho: ela é fundadora da vida social. O que quer dizer que sem ela a vida social seria impensável, histórica e logicamente.

variada e maciçamente como intrínseca à vida social. E sublinho: ela é fundadora da vida social. O que quer dizer que sem ela a vida social seria impensável. histórica e logicamente. A radicalidade desta afirmação faz pensar, de imediato, em um contraponto à valorização absolutamente negativa da violência; a esta valorização negativa, em que hoje estamos ideologicamente imerso, se contrapõe a idéia - mítica e teórica - de uma violência enquanto produtora de positivities históricas ou, se quisermos, de toda positividade histórica.

Esta assertiva é uma constatação; quando falo em positividade histórica falo do resultado da ação de estruturas e eventos que compõem nossa humana história. Não se trata de um juízo de valor sobre a "qualidade" desta violência constituinte. A aceitação desta realidade não impede avaliações morais ou éticas mas, sim, retira destas o monopólio do poder de explicação ou análise dos fenômenos violentos.

Escolhi dizer "fenômenos violentos" deliberadamente. Estamos acostumados a considerar "fenômeno" como algo oposto a "estrutura" - ou, nos acostumamos a falar de conjuntura ou contingência como algo contrário ou adverso a "sistema" ou "imanência". Ora, o que parece acontecer com a história da idéia de violência - da violência fundadora de que falamos - é que ela, na criação do mundo social, é um fenômeno, um evento ou sucessão de eventos da mesma estirpe que nada tem de passageiro, epifenomênico ou circunstancial e fortuito. A violência exerce o paradoxo de ser uma contingência instauradora de permanências, de longas durações, de formas mais que duradouras.

Ao chamar a atenção para este singularíssimo estatuto epistemológico, chamo a atenção para vícios ideológicos contemporâneos que fazem pensar que a

violência é alguma coisa a ser eliminada não só porque daninha e imoral mas pelo fato de que pode e deve ser eliminada pela simples razão de que a história dela pode abrir mão sem que nada de estrutural, digamos, aconteça. Esta erradicação da violência seria simplesmente uma demonstração da força que a "opção racional" da humanidade teria. A idéia de que se pode extirpar a violência da história parece-me curiosamente bizarra. Em primeiro lugar, porque dizendo que quer livrar a história daquilo que lhe é nefasto abre mão de toda experiência histórica. O que digo? Digo que a história da humanidade - ou, antes, a história da sociedade - é um registro da articulação de diferentes formas de violência a outros modos de manifestação dos agenciamentos sociais. O que quer dizer que a história, enquanto teoria mesma, não pensa o humano fora da coação, da luta, da guerra, da tortura, da dominação brutal, da fome e do desespero. Não me aparece possível dizer, respeitando-se a história, que a violência possa ser abolida - e muito menos, abolida em seu nome ou em consequência de suas eventuais lições.

Na verdade, qualquer idéia de um "futuro sem violência" parece ser, antes, uma negação da história - de seu passado e, especialmente, de seu presente. Temo que tais visões beatíficas ou paradisíacas escondam uma aspiração normativa, em que se fala de uma sociedade que "deve ser" desta ou daquela maneira e em que os cientistas sociais de todos os matizes certamente ocuparão os tronos - do saber - prospectivo, racional, equilibrado.

Entre o futuro hipotético e a violência no e do presente, creio que a tarefa prioritária seria a de analisar o presente de modo crítico. O que isto quer dizer quanto ao fenômeno da violência social? Quer dizer que o que

A história, enquanto teoria mesma, não pensa o humano fora da coação, da luta, da guerra, da tortura, da dominação brutal, da fome e do desespero.

A violência exerce o paradoxo de ser uma contingência instauradora de permanências, de longas durações, de formas mais que duradouras.

de melhor podemos intelectualmente fazer é estudar as formas diferenciais de aparecimento da violência e seus modos concretos de articulação com outros elementos da imensa tipologia cultural e histórica possível. Ou - falando violentamente - devemos explodir (ou será implodir?) - o aparente monolitismo que tem recoberto progressivamente a compreensão deste termo fetichizado. Quando repetimos críticas genéricas a respeito d'A Violência (com maiúsculas) estamos apenas ajudando a banalização de seu uso e de suas práticas. O exorcismo da violência acaba por fazer induzir uma cruzada moralizante que visa, com a violência dos totalitários, anunciar a ... morte de uma parte da vida.

É preciso um grande esforço teórico para que renegulemos este empreendimento irracionalista. Porque o acuso de irracionalista? Porque é uma prática teórica que quer afastar da pesquisa, da análise, da crítica, toda uma área - ou conjunto de áreas - desta nossa imperfeitíssima história demasiado humana. É preciso que reconheçamos a polissemia do termo violência; está é uma tarefa urgente de combate ideológica e político - e tarefa caracteristicamente intelectual, plena de refinamento e sutileza. Sintetizando: a empresa da razão no momento é a de trazer para si - e não negar - a existência de tudo aquilo que, repugnante ou não, existe.

A tematização racional da violência implica em trazer para a observação intelectual - e para as práticas sociais outras que dela derivem - uma série de temas que desagradam as teorias e ideologias ligadas à produção e ao bom senso do senso comum. Estas sensatas teorias e ideologias tem a paixão do sistema, da organização, da função, da gerência, da administração, do planejamento, da previsão e da norma. Estas atividades produtivas e razoáveis seriam os temas privilegiados - quando não

A empresa da razão no momento é a de trazer para si - e não negar - a existência de tudo aquilo que, repugnante ou não, existe.

exclusivos - da razão. Aquilo que está fora desta temática, está fora da razão e não deve pois, ser analisada - muito menos analisada com os refinamentos da razão - sinônimo de evolução e excelência. Assim, o que se propõe é a "cura" das patologias sociais e uma "solução final" cuja ressonância totalitária me parece patente.

Neste "produtivismo", filho da burguesia conquistadora do século XIX e que vaga com ares de novidade entre nós, tudo aquilo que parece perturbador, contingente, excessivo, anormal, excêntrico, casual, inexplicável e gratuito merece - tudo isto - ser tratado e se possível "apagado" porque perturba a dinâmica das linhas retas, a otimização do tempo, a adequada divisão do trabalho, a capacidade de cernir o futuro.

Recentissimamente, Peter Drucker, "o pai da administração moderna", declarou em uma entrevista, no Brasil, que "o modelo de organização baseado na informação deve ser o de uma orquestra sinfônica. Ninguém precisa perguntar o que tocar porque a partitura é comum, o objetivo é comum. Só não é possível tocar várias músicas ao mesmo tempo". Não duvido da validade de tais afirmações para a administração moderna; o que acho perigoso é a transformação deste modelo de ação em modelo de toda a sociedade. O que acontece na vida social "geral" é bem diferente: há partituras comuns e partituras incomuns e mal partilhadas; há objetivos comuns e objetivos desconhecidos e/ou conflitantes. Além disso, há orquestras, bandas, escolas de samba, etc. com modos de organização e aparecimento cênico diferentes e com músicos - bons e maus - de variada formação. Tocam músicas diferentes - e ao mesmo tempo. E, acima de tudo, não seria mal que todos perguntassem o que tocar...

As observações acima sobre a violência aplicam-se aos múltiplos fenômenos que muitos se acostumaram a rotular como "a violência no futebol", simplificação que

As observações acima sobre a violência aplicam-se aos múltiplos fenômenos que muitos se acostumaram a rotular como "a violência no futebol".

acaba por inibir a análise da complexidade e variedade de tais fenômenos. A repetição simplificadora é aliada do essencialismo e da substantificação; repete uma palavra-mágica, uma suposta chave-mestra que conseguiria dar acesso ao conhecimento de tudo aquilo que dissesse respeito a "A Violência", por mais desmesurado que seja este continente.

No caso do futebol, como visto no artigo anterior, a violência é, tendencialmente, vista como algo estranho ao futebol ou - mais comedidamente - estranho à "boa prática" do futebol. Deveria ser banida das quatro linhas e combatida em suas manifestações fora do campo (nos estádios, nas ruas etc.). Para o analista social, esta visão normativa - que diz como as coisas devem ser e não como são - leva à não inclusão dos fenômenos habitualmente etiquetados como "violentos" em suas considerações teóricas e, assim, a tratá-los como expressão de uma "patologia social" que deve ser sanada, eliminada. A pressa na eliminação do "mal" é inimiga do refinamento e vagar que o verdadeiro diagnóstico requer; a diabolização d'A Violência é uma contradição... violenta: estigmatiza e procura exorcizar A Violência em nome de uma Tranquilidade (uso pacífico do tempo) e de uma Razão (aliada da Paz) que seus arautos se recusam a empregar no exercício de conhecimento da pluralidade e diversidade das práticas sócio-culturais habitualmente nominadas como violentas.

A violência - como o futebol - não são "coisas-em-si", reificadas, consensuais, consabidas. A análise da violência no futebol será fatalmente redutora se supuser que há duas "entidades" - a violência e o futebol - distintas cujas articulações só poderão ser claramente discerníveis se a "identidade" de cada "entidade" for preservada. Esta posição, mesmo que possa aparentar cuidado com a história, é basicamente a-histórica

A análise da violência no futebol será fatalmente redutora se supuser que há duas "entidades" - a violência e o futebol - distintas cujas articulações só poderão ser claramente discerníveis se a "identidade" de cada "entidade" for preservada.

porque retira da observação crítica a genealogia dos termos que entroniza e fixa (violência e futebol, no caso). A frequência de utilização, e a utilização em âmbitos de linguagem muito diversificados, não devem ser confundidos com obviedade, unanimidade, homogeneidade que levariam a uma naturalização, a uma dispensa de investigação histórica e analítica, que desembocaria em uma (aparente) transparência do emprego social dos termos em questão.

* * *

A naturalização, a maneira de considerar essencialista, evita a pesquisa de campos provocantes. Por exemplo, os... do jogo, da virtualidade do acaso. Assim, sem que os esforços tradicionais de certa sociologia do esporte sejam descartados, poder-se-ia investigar não apenas as formas de inserção em estritas razões sócio-econômicas do vandalismo mas, também, o vandalismo como rebelião imaginária, como manifestação de "não-pertencimento" seja relativamente ao próprio futebol, à classe social, ao país, e, mesmo à Taxinomia que divide a vida social em compartimentos que o vandalismo ignora e/ou agride. O vandalismo, nesta última ótica, deixa de ser uma "resposta a condições adversas de vida que é preciso minorar" mas a irrupção errática de um feixe de símbolos-em-ação que não aparece de forma previsível nem tem razões tão mecânicas para eclodir nem é, sempre, uma espécie de apelo (inconsciente) pela regeneração da sociedade injusta ou um clamor por inserção nesta mesma sociedade. Deste modo, a tarefa do analista social é a de descobrir entre possíveis uma articulação complexa que só a **escuta atenta da conjuntura** observada permite; ele deve estar atento à singularidade, à

Deste modo, a tarefa do analista social é a de descobrir entre possíveis uma articulação complexa que só a escuta atenta da conjuntura observada permite.

movência, à repetição, ao aparecimento inusitado e ao desaparecimento súbito...

O futebol não é um tautológico "sinônimo de si"; é uma relação (com a violência e com inúmeros outros fenômenos, nem todos conhecidos por nossa doutra Teoria...) ou, melhor, um feixe de relações mais ou menos duradouras, mais ou menos importantes. Tanto já se falou entre nós da "carnavalização", porque não observarmos (constituirmos) as formas de "futebolização" da cultura brasileira. Poderia ser maneira fértil de restituirmos ao futebol aquilo que o distingue: o jogo, a movência, o sentimento que, infinitamente, disputam os títulos com o código, a regra e a razão...

Tanto já se falou
entre nós da
"carnavalização",
porque não
observarmos
(constituirmos) as
formas de "futebol-
lização" da cultura
brasileira. Poderia ser
maneira fértil de
restituirmos ao
futebol aquilo que o
distingue.

Futebol, Questões de Gênero e Co-educação

Algumas considerações
didáticas sob enfoque
multicultural *

Alfredo G. de Faria Junior**

Este artigo pretende: (a) posicionar a questão da mulher e a prática do futebol, no quadro teórico de uma educação física em (e para) uma sociedade multicultural; (b) oferecer alguns exemplos de ações didáticas destinadas a ajudar a enfrentar o sexismo na prática do futebol na escola. O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, apresentam-se elementos teóricos do quadro conceitual do multiculturalismo. Na segunda parte, são proporcionados alguns exemplos de processos discriminatórios, sexistas, na educação física e nos desportos. Na terceira, abordam-se questões de gênero que dificultam experiências co-educacionais na prática do futebol. Finalmente, oferecem-se exemplos de procedimentos didáticos para o ensino do futebol sob a ótica da co-educação.

Desde o início dos anos 80 vimos denunciando que, em termos da ótica do direito de oportunidades, o modelo de desenvolvimento da educação física brasileira é extremamente injusto, uma vez que inúmeros segmentos de nossa população - mulheres,

* Este artigo é dedicado ao saudoso amigo, professor da Universidade Federal Fluminense, Antônio Carlos Ferralra Lopes (Pavão), incansável incentivador do futebol (e do futebol de salão) nos meios escolar e universitário brasileiros.

** Doutor, com grande distinction pela Université Libre de Bruxelles. Professor Adjunto do Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino, da UERJ. Co-autor de *Corpo, mulher e sociedade* - Editora Papyrus, Campinas, S.P., 1995.